

## LUTA PELA TERRA NO ASSENTAMENTO JONCON TRÊS IRMÃOS: Território, Cultura e Sentidos

Cassyo Lima Santos<sup>1</sup>  
Marivaldo Cavalcante da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo compreender como o território é tecido a partir da luta pela terra. A partir de uma construção teórica e interdisciplinar, possibilita novos olhares e percepções da apropriação do território e as territorialidades advindas a partir da luta pela terra no Assentamento Joncon Três Irmãos, situados no município de Conceição do Araguaia, sudeste do Estado Pará. Procura-se realizar um percurso, não como uma constante onde os fenômenos ocorrem de forma homogênea, mais entender as tramas e as relações que os sujeitos constroem, compreendo assim as territorialidades, pois na terra o homem percebe sua subjetividade, materializa seus anseios, cria vínculo com o lugar e realiza suas práticas culturais. Esta pesquisa está em andamento faz parte de uma pesquisa de mestrado intitulada “ Relações, percursos e fios: luta pela terra e territorialidades do Assentamento Joncon Três Irmãos-Conceição do Araguaia- sudeste do estado do Pará. Partiu-se de uma abordagem qualitativa, pautada em pesquisa bibliográfica e documental, bem como trabalho de campo. Os conflitos da luta pela terra desse território não são recentes, perpassa desde os primeiros ordenamentos territoriais tomados pelo Estado, bem como dos próprios sujeitos presentes nessas localidades. Desde sua ocupação a Amazônia, e neste caso a região do sudeste do Pará é voltado para exploração de seus recursos naturais e expropriação de seus sujeitos, o que faz com que a luta pela terra seja uma constante.

**Palavras-chave:** Território, Amazônia 2, Luta pela Terra.

### Introdução:

Entender as tramas de luta pela terra e a história dos sujeitos é necessário recorrer as narrativas, pois a partir delas problematizam-se as discussões sobre o lugar, e as territorialidades dos mais diversos atores presentes na Amazônia, compreendendo assim, as relações, os percursos e os fios. As narrativas podem suscitar esclarecimentos de fenômenos sociais, culturais, políticos de um determinado tempo, o que possibilita dar um novo olhar sobre o espaço tempo.

Perceber a afetividade que tais sujeitos possuem pelo lugar é compreender seu modo de vida, notando-se que a terra tem múltiplos usos, e para cada agente ela possui um significado. Tramar a trajetória do território e das territorialidades no processo de luta pela terra é perceber as várias Amazônias que existem dentro desse território, ou seja, é dar significados ao sujeito em suas pluralidades e singularidades.

<sup>1</sup> Bolsista CAPES. Mestrando em Estudos de Cultura e Território-Universidade Federal do Tocantins –UFT-Campus Araguaína- [cassyosantos@hotmail.com](mailto:cassyosantos@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Geografia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território da Universidade Federal do Tocantins-UFT-Campus Araguaína-marivaldoareia@yahoo.com.br.

**Comentado [R1]:** Times New Roman, tamanho 12, espaçamento simples, alinhado à direita

Nota de Rodapé com Filiação institucional e endereço eletrônico para cada autor.

**Comentado [CLS2R1]:**

Nesse sentido em meio a conjuntura política nos anos de 1970 e 1980, tais sujeitos, na luta pela terra no sudeste do Pará enfrentaram um grande jogo político e econômico, pois os primeiros acampamentos da então fazenda Joncon/Três Irmãos ocorreu e meio a ditadura militar, bem como enfrentaram a Guerrilha do Araguaia. Nesse sentido o presente trabalho tem como objeto compreender o percurso de luta pela terra no Assentamento Joncon Três Irmãos, situado no município de Conceição do Araguaia, sudeste do Pará, pelo viés do território, cultura e sentidos.

Esta pesquisa está em andamento e faz parte de uma pesquisa de mestrado intitulada “Relações, percursos e fios: luta pela terra e territorialidades do Assentamento Joncon Três Irmãos-Conceição do Araguaia- sudeste do estado do Pará. Partiu-se de uma abordagem qualitativa, pautada em pesquisa bibliográfica e documental, bem como trabalho de campo. A pesquisa realizada teve como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa, segundo Kauark (2010 p.12) “a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” compreendendo assim, os processos e os percursos de luta pela terra de forma densa.

## **2-Amazônia: Território e Territorialidades**

Discutir a problemática agrária vai além da distribuição de terras, pois está ligada ao processo de ocupação e afirmação territorial, os quais estão conectados ao marco legal do estado e as políticas de ordenamento territorial (LITTLE, 2002). Nesse sentido, problematizar os conflitos, os percursos e os fios da problemática agrária na Amazônia é identificar as relações do homem com a terra, que são pautadas por diversas formas de poder e por agentes singulares, seja ele o latifundiário, o garimpeiro, babaqueiro, o seringueiro, o castanheiro, o pescador, o indígena, o posseiro, o assentado, entre outros.

Houve várias razões para a integração da Amazônia ao contexto nacional, dentre elas, abrir novos caminhos aos mercados consumidores, incorporando assim a Amazônia como parte do mercado nacional; necessidade de expandir os mercados de trabalho, principalmente para a população nordestina; aproveitar o potencial mineral, madeireiro e pesqueiro com vista à exportação; atender a uma procura por novas terras por investidores da região sul e sudeste

brasileiro; captar renda através de incentivos fiscais; bem ocupar a região para a “segurança nacional” (LOUREIRO, 2004), (IANNI, 1979) PEREIRA(2015).

O indivíduo histórico e dentro de um determinado conjunto de relações sociais, deve investigar a sua realidade, que se apresenta de forma simplista e fetichizada. Nesse contexto analisar os fenômenos territoriais, é compreender nuances percorridos pelos sujeitos na permanência da terra. Esses sentidos são simbolizados a partir do cotidiano, do vínculo e do contato com e sobre a terra, pois ao criar símbolos percebem-se culturalmente.

Segundo Raffestin (1993, p.76) “[...] historicamente os atores sociais efetuam a repartição da superfície terrestre, a implantação de nós, e a construção de redes. Os sistemas territoriais permitem assegurar a coesão de territórios e o controle de pessoas e coisas”, ou seja, homem está sempre produzindo novos territórios, de acordo com suas necessidades e práticas espaciais tecendo assim um conjunto de malhas, nós e redes, pois segundo Raffestin (1993):

Do Estado ao indivíduo, passando por todas as organizações pequenas ou grandes, encontram-se atores sintagmáticos que “produzem” o território. De fato, o Estado está sempre organizando o território nacional por intermédio de novos recortes, de novas implantações e de novas ligações. (RAFFESTIN,1993, p.152)

A “Amazônia, possui várias Amazôniaas” essa frase está presente em várias partes do livro de Carlos Walter Porto Gonçalves, intitulado Amazônia, Amazôniaas, o que vem de encontro ao debate sobre território e territorialidades, demonstrando a heterogeneidade presente nesse local, expressando assim a multidimensionalidade dos sujeitos que formam essa região. A partir desse fragmento é possível entender o processo de territorialidades na Amazônia, que foi pautado por conflitos culturais, e interesses políticos e econômicos.

Para entender a complexidade dos territórios e das territorialidades Amazônicas, é necessário compreender suas ocupações e seus reordenamentos. Segundo Sack (1986, p.2) “a territorialidade está intimamente relacionada ao como as pessoas usam a terra, como organizam o espaço e como dão significados ao lugar”. Assim entre 1616 e 1777, efetuou-se lentamente a apropriação deste território, estendendo a posse portuguesa para além da linha de Tordesilhas, tendo como base econômica as “drogas do sertão”. O delineamento da Amazônia se fez entre 1850 e 1899, cujo preocupação imperial era a internacionalização da navegação do grande rio e “boom” da borracha. Becker (2006) para efeitos de compreensão dividiu a região Amazônica em três grandes blocos: Formação Territorial (1916-1930); Planejamento Regional (1930-1985) e a Incógnita do Heartland (1985 aos dias atuais).

No primeiro período três elementos são importantes ser caracterizados: a) ocupação tardia dependente do mercado externo: ou seja, tudo que a Amazônia possuía era comandado pelas metrópoles, principalmente europeias, onde a exploração de recursos era tida como infinito. b) importância da geopolítica: pois o domínio da região foi controlado por iniciativas externas. Nesse período ocorreu surtos devastadores, decorrente da valorização de produtos no mercado internacional; c) experiência e o confronto de ocupação territorial: baseada em suas visões exógena e endógena a primeira enfatiza uma soberania que privilegiada relações com a metrópole, ocorrendo na era do marquês de Pombal durante a Colônia, no Império, no —boom! da borracha. Já a visão endógena é baseada numa visão interna do território, fruto do contato com os habitantes locais, e privilegiando o crescimento endógeno, e autonomia local, como ocorreu com o projeto missionário (BECKER, 2006).

Nota-se nessas abordagens elencadas por Becker (2006) o que Foucault (1978) nos ilustra claramente ao pensar o território pelo poder, que é tomado pelo que chama de —trunfos do poder! ou seja, o poder exercido por vários pontos e por vários agentes, endossando o que Raffestin (1993) afirma que o poder advém de grupos sociais, de instituições religiosas como a Igreja, bem como pelo Estado, reordenando assim o território. Quanto ao segundo grande período, caracterizado de planejamento regional (1930-1985) acelerou-se o processo de ocupação da Amazônia, sendo marcado pelo planejamento governamental e com a atuação intensa dos aparelhos estatais intervindo na economia e no território: fatores como —Marcha para o Oeste!, criação da Fundação Brasil Central, inserção do Programa de Desenvolvimento para a Amazônia na constituição de 1946, e a criação da Superintendência de Valorização Econômica (SPVA) marcaram esse período, acelerando assim a migração que já ocorria para a Amazônia. A criação das rodovias afetou também ocupação dessa região, dentre elas Belém-Brasília e Brasília-Acre. Mas é no intervalo de 1966 e 1985 segundo que o planejamento regional será efetivado na região, visando um projeto geopolítico, voltado para modernização acelerada da sociedade e do território nacionais (BECKER, 2006).

Quanto a incógnita de Heartland, nesse período iniciou-se movimentos de —resistências! das populações locais —autóctones e migrantes! a expropriação da terra, configurou-se também a chegada de inúmeros projetos voltados para —proteção e preservação ambiental!, sobretudo pela influência internacional, nas palavras de Becker (2006, p.28) —em nível, politiza-se a questão ambiental com atores interessados na preservação da natureza, tais como G757, o Banco Mundial e o governo Brasileiro!. Ressalta-se que o objetivo desses

—organismos<sup>1</sup> está voltado para o interesse econômico, do que para o desenvolvimento das populações amazônicas, que apresenta várias territorialidades. 211

Nesse contexto as ocupações de terra na Amazônia, enfatizo aqui a região sul do estado do Pará foram motivadas pelo incentivo do Governo Federal em “ocupar os espaços vazios da Amazônia” tendo como objetivo sanar os problemas socioeconômicos de outras regiões brasileiras, como o problema da seca, em algumas microrregiões nordestinas, bem como ocupar para a defesa nacional (PORTO-GONÇALVES, 2005), por isso a expressão “ Amazônia, Amazônias” é densa no sentido de poder visualizar essas facetas presentes nesse território, o que reforça as afirmações de Raffestin(1993), pois os sujeitos produzem tessituras que estão na dinâmica política, econômica e cultural.

Recorro ao Little (1994) para aprofundar o debate sobre territorialidades, ao nos esclarecer que territorialidade poder ser analisado pela identidade, memória, e símbolos, ou seja, o percurso dos sujeitos sobre o espaço, pois:

“A expressão territorialidade, então não reside na figura de leis ou títulos, mas se mantém viva nos bastidores da memória coletiva que incorpora dimensões simbólicas e identitárias na relação do grupo com sua área, o que dá profundidade e consistência temporal ao território” (LITTLE, 1994 p.11).

Segundo Laraia (1986) o homem é o resultado do meio cultural em vive, indo de encontro ao que Little(1994) aborda sobre o sujeito, pois incorpora e simboliza tudo que está ao seu redor, criando vínculos e signos, pois a cultura reflete o conhecimento e a experiência adquiridos ao decorrer do tempo. Saquet (2007) é enfático ao afirmar que o território tem que ser entendido a partir da EPCN (Economia, Política, Cultura e Natureza) entendendo o território com um processo que se constrói e reconstrói pois:

[...] as forças econômicas, políticas e culturais, reciprocamente relacionadas, efetivam um território, um processo social, no (e com o) espaço geográfico, centrado e emanado na territorialidade cotidiana dos indivíduos, em diferentes centralidades/temporalidades. A apropriação é econômica, política e cultural, formando territórios heterogêneos e sobrepostos fundados nas contradições sociais (SAQUET, 2007, p.28).

Nesse mesmo sentido Raffestin(1993) endossa que as territorialidades são dinâmicas e são movidas de continuidade e descontinuidade. A natureza é indissociável ao território, já que ela é um instrumento de poder, pois dela é retirado os recursos naturais. Portanto a territorialidade é inerente a vida em sociedade, nesse sentido segundo Raffestin (1993 p.162) “ a análise da territorialidade só é possível pela apreensão das relações sociais recolocadas no

seu contexto sócio-histórico e espaço-temporal”, ou seja, compreendo o modo de vida e a cultura de cada território.

### **3-Luta Pela Terra: Assentamento Joncon Três Irmãos**

Cada sujeito possuem uma história de vida, que se expressa nas territorialidades. A questão da luta pela terra, e os ré (ordenamentos) no Assentamento Joncon Três Irmãos requer uma compreensão do processo histórico, cultural, social e econômico. As narrativas apresentam estruturas, que são exclusivamente construídas por artefatos verbais, pois uma das características do profissional que tem como suporte a história, entre outros campos de estudo, é sempre lembrar ao leitor, que as narrativas são caracterizações de acontecimentos que foram ordenadas por sujeitos, de acordo com suas experiências de vida, criando assim uma estrutura de narrativa histórica ao narrar determinados fatos.

Os conflitos agrários ganharam destaque na região, devido aos grandes programas, cujo objetivo era o discurso do chamado “desenvolvimento”. Lemas como “Terra sem homens, para homens sem-terra”, e “integrar para não entregar” estimulavam a migração para a região norte do Brasil, que pelo discurso do governo oferecia oportunidades de emprego e melhorias nas condições de vida (HALL, 1991).

Nesse contexto, a região Sudeste do Pará tornou-se uma das principais áreas de concentração de migrantes, sendo hoje uma localidade que apresenta números consideráveis de assentamentos, centralizando nesse território intensos conflitos agrários, ocupando terras devolutas (IANNI, 1979). Assim a terra pública é associada diretamente ao controle do Estado “[...]a terra pertence, ao menos formalmente, a todos os cidadãos do país. Porém, é o aparelho do Estado que determina os usos dessas terras, supostamente em benefício da população em conjunto” (LITTLE, 2002, p.7).

Na luta pela permanência na terra, várias estratégias territoriais forma inseridas na Amazônia. Inúmeros planos estatais foram criados, dentre eles o Plano Nacional de Reforma Agrária (PNRA). As atuações de mediadores no processo de conflitos pela luta da terra também fizeram partes desse processo, destacaca-se aqui a Comissão Pastoral da Terra (CPT), criação de Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR)<sup>3</sup>, criação dos Movimentos de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), dentre outros. O primeiro acampamento do referido assentamento,

<sup>3</sup> Hoje denominando STRR (Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais).

ocorreu, na Unidade Avançada do GETAT (Grupo Executivo de Terras do Araguaia) no município de Conceição do Araguaia, em dezembro de 1975, Pereira (2015) explica que:

[...] os posseiros da fazenda Joncon/Três Irmãos, em Conceição do Araguaia, haviam ocupado o prédio do GETAT, naquela cidade, para que as suas reivindicações fossem atendidas pelo Governo Federal. Na ocasião, os trabalhadores exigiam apuração da violência na área e a desapropriação do imóvel ( PEREIRA, 2015, p. 275).

O assentamento Joncon Três irmãos, foi ocupado por posseiros no ano de 1977, e desapropriado em meio aos conflitos e violência no ano de 1986 e criado o assentamento no ano seguinte. Nesse movimento de resistência, ocupavam imóveis reivindicando seus direitos a terra. São indivíduos históricos que vieram de diversas regiões brasileiras, principalmente do Maranhão, Piauí, Goiás Tocantins e Minas Gerais. Os motivos pelos quais migraram são os mais diversos, como por exemplo, a diversidade climática da região nordestina em períodos de estiagem, bem como pelos incentivos do governo federal.

#### **4-Territorialidades do Assentamento Joncon Três Irmãos: Cultura, território e sentindos.**

A partir desse breve histórico do Assentamento percebe-se a profundidade do poder exercido por diversos agentes, representados por movimentos sociais, pelos assentados, por organismos estatais, dentre outros. Cada sujeito territorializado no referido assentamento possui uma história de vida, que se entrelaça com os múltiplos territórios, com o lugar e com a cultura.

Essa abordagem que considera a “cultura como sistema simbólico” foi desenvolvida nos Estados Unidos, um de seus representantes é Clifford Geertz. A cultura pode ser entendida de diversas formas, para Laraia (1986) endossa a discussão enfatizando que as civilizações se espalharam e se perpetuaram pelo uso de símbolos, pois o exercício de simbolização, cria a cultura, portanto toda cultura depende de símbolos.

Para entender o sentido da terra e as suas plurissignificações, problematiza-se o vínculo de afetividade que determinados sujeitos mantêm pelo espaço que ocupam, ou seja, tornando o espaço como lugar. “Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa com espaço diferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e dotamos de valor”

(TUAN, 2013, p. 14). O cheiro, os sons, o tato, permeiam a criação de sentimento pelo lugar. Nesse caso específico, para os assentados do Assentamento Joncon/Três Irmãos, ressaltando que não é somente descrever determinados fenômenos, mas buscar a essência e as formas que essas percepções possuem dentro de um contexto social, político, econômico, cultura, ou seja, entender as suas teias e as suas cosmografias.

O assentamento Joncon Três Irmãos está sendo territorializados, há mais de três décadas, nesse viés quando enfatiza-se a luta pelo homem na terra, procura-se olhar os sentidos que os fizeram resistir e enfrentar os mais diversos tipos de poder, presentes no território em estudo. Ressalta-se que a luta pela terra não encerra somente com a legalização do projeto de assentamento, mas outras lutas, ainda permanecem, como por exemplo, ter uma infraestrutura básica para desenvolver os diversos tipos de cultivos, poder diversificar os tipos de produções, bem como realizar as trocas de mercadorias em regiões circunvizinhas, pois o predomínio da subsistência é inerente ao modo de vidas de assentado, bem como manifestar suas atividades culturais.

Mas, por que permanecer em regiões onde as contradições espaciais e os conflitos pela terra são aflorados? É nela que as famílias se territorializam, tiram seu sustento, criam seus animais, formam seus filhos. O espaço, torna-se lugar, pois a afetividade expressa o sentimento que os sujeitos dão ao seu local de vivência, seja de seus animais, sua casa, suas ferramentas de trabalho, o pé de laranja, o cultivo de mandioca, o pé de caju que esperou meses para florescer, são esses sentidos que estão imbricados nos sujeitos e se projetam na terra.

Nesse viés a cultura pode ser percebida como a produção de significados. Enxergar essas perspectivas da experiência dos sujeitos e desvendar o olhar sobre o território, lugar e sobre a cultura. Cultura não é estaticidade, é movimento é vivência, ou seja, é um conjunto de sistema simbólico criados pelos sujeitos.

### **Considerações Finais**

Compreender as múltiplas territorialidades presentes na Amazônia, vai muito mais além do que essas primeiras abordagens. É necessário inquietar-se no sentido de aprofundar o debate iniciado acerca do processo de territorialidades presentes no Assentamento Joncon Três Irmãos, é necessário ir a campo a campo, ouvir as narrativas dos sujeitos pesquisados, poder



vivenciar e sentir os anseios e os símbolos construídos por tais indivíduos, permeando assim o seio cultural.

Nessa parte da Amazônia oriental encontra-se inúmeros contrastes sociais, políticos e econômicos, bem como múltiplas formas de expressões culturais e territoriais. Percorrer por esses vieses é compreender os significados e sentidos dos sujeitos sobre o território e sobre o lugar. Os conflitos da luta pela terra desse território não são recentes, perpassa desde os primeiros ordenamentos territoriais tomados pelo Estado, bem como dos próprios sujeitos presentes nessas localidades. Desde sua ocupação a Amazônia, e neste caso a região do sudeste do Pará é voltado para exploração de seus recursos naturais e expropriação de seus sujeitos, o que faz com que a luta pela terra seja uma constante.

#### Referências Bibliográficas

BECKER, Bertha. **Amazônia**: geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. 1ª ed, 13 reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HALL, A. L. **Amazônia Desenvolvimento para quem?** Desmatamento e conflito social no programa grande Carajás. Rio de Janeiro, 1991.

IANNI, O. **A Luta pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1979.

KAUARK, Fabiana. **Metodologia da pesquisa** : guia prático. Itabuna : Via Litterarum, 2010.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito** antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LITTLE, Paul E. **Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: UNB, 2002.

LOUREIRO, V. R. **Amazônia**: estado, homem, natureza. 2ed. Belém: Cejup 2004.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Do posseiro ao sem-terra**: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará. Recife: Editora UFPE, 2015. Pag.275.

PEREIRA, Airton dos Reis. **Do posseiro ao sem-terra**: a luta pela terra no sul e sudeste do Pará. Recife: Editora UFPE, 2015.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônia**s. São Paulo: Contexto, 2005. 179 p.



RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SACK, Robert. **Territorialidade humana**: sua teoria e história. Cambridge: Cambridge University Press, 1986

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar**: A perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: Ensaios sobre a crítica da cultura. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.